

## EDITORIAL

Com bastante satisfação, apresentamos o dossiê “Filosofias da Religião, Estudos em Teologia e Filosofia Política”. Instigados por estudos sobre satanismo e anarquismo, os organizadores deste dossiê optaram por ampliar seu escopo, tratando de questões variadas que entrelaçam religiões e violência, ou religiões e política. Por uma perspectiva crítica do colonialismo e das colonialidades, não se pode ignorar a proximidade entre Igreja e Estado - ou, como pontuou Kropotkin, entre o Juiz, o Padre e o Militar, que, unidos, compõem os pilares do Estado. A Tríplice Aliança, conforme Kropotkin, nos impede de compreender o Estado e suas instituições, de ensino, de saúde, legislativas, sem ter como assoalho o “igrejismo”, conceito cunhado por Wallace de Moraes para designar a relação violenta e institucionalizada entre Igreja e Estado.

A inspiração divina, que atribui a determinado indivíduo autoridade para ditar a suposta palavra de deus, é a mesma autoridade política, científica e coercitiva que social e institucionalmente priva certos indivíduos de sua integridade. Bakunin critica a ideia de inspiração divina e sua autoridade, traduzida em moralidade em sua tentativa propositalmente falha de alegar laicidade. Por diversas perspectivas, desde análises da reforma luterana até diálogos entre musicalidade e religiões de matriz africana, do movimento do satanismo moderno até críticas ao racismo religioso, buscamos, com este dossiê, demonstrar o caráter político da religião, sua indissociabilidade das relações sociais, suas matrizes e seus tentáculos. É em crítica ao igrejismo, assim como a toda forma de discriminação religiosa, que direcionamos a composição desse dossiê.

Dito isso, apresentamos os ensaios, artigos e as resenhas aqui reunidos.

Logo de início, apresentamos o ensaio “O igrejismo como base do casa-grandismo”, de autoria do prof. *Wallace de Moraes*, que carinhosamente respondeu a nosso convite de participação. Em seu ensaio, De Moraes argumenta pela nomeação da institucionalização de violências justificadas e fomentadas pela igreja como *igrejismo*. O igrejismo andaria de mãos dadas com toda forma de racismo, patriarcalismo e discriminação que marca a modernidade. Nas palavras do autor, “o igrejismo significou a imposição do eurocentrismo pelo mundo e do casa-

grandismo no Brasil”. É fundamental que este dossiê seja inaugurado por tal reflexão, posicionando-nos de forma contrária a qualquer tipo de intolerância e discriminação. Reconhecer o protagonismo do igrejismo na institucionalização das violências modernas/coloniais é um passo fundamental para combater tais violências.

Passamos, então, para a seção de artigos.

Em “À sombra de uma representação divina: Igrejismo e a Política Internacional na Modernidade”, *Juan Filipe Loureiro Magalhães* abarca os impactos do cristianismo no campo das relações internacionais. A partir do conceito de “igrejismo” de Wallace de Moraes, o autor compreende a execução de um projeto civilizacional europeu, calcado em óticas cristãs salvacionistas e colonizatórias, apagando subjetividades e imaginários e submetendo indivíduos colonizados às colonialidades do poder, do saber e do ser.

No segundo artigo “Samba e Candomblé como Inédito Viável”, *Wesley de Jesus Barbosa* utiliza-se da noção freiriana de *situação limite* para mostrar como a situação limite da escravidão propiciou o contexto para o surgimento do samba, que surge como uma forma de resistência viável. Esta resistência é manifestada pelas práticas culturais e religiosas que se expressam musicalmente, dando origem a gêneros musicais que atuam como forma de transmissão dos saberes. Em vista disto, o autor realiza uma reconstituição da história de diversos gêneros musicais típicos da música brasileira, culminando no surgimento do Samba. Nesse sentido, aponta-se como este ritmo teve sua origem num contexto de religiosidade e de comunhão entre os pais e filhos de santo, nos terreiros de candomblé e casas de bamba, como uma prática cultural característica destes povos, intrínseca a este contexto histórico e cultural. Deste modo, o samba surgiria como uma necessidade de conservação e compartilhamento da cultura negra e de seus saberes típicos, atuando como forma de resistência e manifestação cultural.

No terceiro artigo aqui presente, “O racismo religioso de missões cristãs de extrema direita orienta o etnocídio indígena”, *Damires dos Santos França* ocupa-se em evidenciar as práticas de evangelização como modos de dominação dos povos indígenas, voltando os olhares para as formas utilizadas pelos povos indígenas para escapar a esta imposição cultural, em suas práticas de revolta contra tal tentativa de

colonização e de dominação sobre eles exercida. A autora aponta que esta prática colonizatória tem como fundamento uma ideologia racista, que visa a aniquilação do Outro em vista da perpetuação e propagação de sua cultura, de forma impositiva e violenta – pelas práticas de extermínio cultural com base na aniquilação da diferença. Propagando, assim, práticas de intolerância cultural e religiosa.

Visto isto, torna-se evidente como a intolerância religiosa exercida pelos grupos hegemônicos resulta em uma aniquilação dos povos originários – que incide diretamente sobre suas vidas, como forma de extirpação de suas práticas culturais e, por conseguinte, seus modos de ser. Por fim, acentua-se a importância das atividades de revolta destes povos, como uma luta pela conservação de seus costumes, sua cultura, suas crenças e seus modos de organização social. Deste modo, a resistência indígena consistiria não somente em uma luta pela manutenção de sua vida, mas também de sua cultura e de seus saberes. Pois, em sua luta pela preservação de seus saberes característicos, expressa-se também uma luta pelo exercício de sua existência.

Em seguida, o artigo “Protestantismo e Secularização”, de *Vinicius Falcão Oliveira Carneiro*, objetiva analisar o processo de secularização do Estado, que, anteriormente, caracterizava-se como confessional. Apresentando forte aporte teórico e histórico, o autor busca evidenciar as influências do protestantismo, tanto em seus conflitos em relação à Igreja Católica Apostólica Romana quanto por conflitos internos dentro o mundo protestante, nesta transição do Estado confessional para o Estado considerado secular.

O artigo “Seria o diabo anarquista?: semelhanças e diferenças entre o satanismo moderno e a filosofia política anarquista”, de autoria de *Bruno Latini Pfeil* e *Cello Latini Pfeil*, ocupa-se em apontar as aproximações e distinções entre uma doutrina anarquista e a prática religiosa do satanismo, tendo como objetivo realizar uma análise comparativa entre ambas as formas de pensamento. Em princípio, são traçadas aproximações entre ambos os pensamentos a partir dos conceitos chave liberdade e individualismo – nisto consiste o primeiro momento do artigo. Na sequência, são evidenciadas distinções cruciais concernentes aos modos de organização social, de modo que a filosofia anarquista se mostre contrária a modelos de organização institucionais e hierárquicos, comumente adotados pela

prática satanista – ainda que partilhem de ideais em comum, centrados na autodeterminação, autonomia e liberdade.

Após fazer uma apresentação de ambas as teorias, descrevendo-as em suas particularidades normativas, os autores apontam que ambas as filosofias se baseiam em um exercício da liberdade em relação às escolhas individuais de autodeterminação, modos de ser e formas de reger seus corpos. Mas, a partir de um ideal libertário, é realizada uma crítica à filosofia satanista, a partir de suas organizações sociais predominantemente hierárquicas e baseadas em vigilância constante, em contraposição à ideologia anarquista, em defesa de uma propagação e ampliação da liberdade individual, que só é possível por meio da liberdade coletiva.

Por fim, o artigo “Religião e conversão nas lentes de Rubem Alves”, de *Leonardo Pereira de Souza*, versa sobre as elucubrações de Rubem Alves acerca do campo da religião e da conversão. Compreende-se a religião como elemento recorrente da experiência humana. No entanto, apesar de sua presença histórica e cotidiana, o exercício de defini-la objetivamente, conceitualmente, apresenta-se como algo complexo e dificultoso. Por meio da compreensão teológica de Rubem Alves sobre a ideia de corpo, e também partindo de uma perspectiva humanista, o autor abarca o campo da linguagem, no que diz respeito ao processo de conversão, e propõe reflexões sobre o significado da religião na experiência humana.

Esta edição conta, ainda, com uma resenha crítica do livro *Man and Nature: The Spiritual Crisis in Modern Man*, de Seyyed H. Nasr, que aborda o processo de desconexão entre o ser humano e a natureza, apontando como a crescente visão mecanicista ascendente na sociedade moderna promove uma disrupção das nossas relações com o mundo. Essa problemática é trabalhada a partir de uma abordagem interdisciplinar e interseccional, promovendo diálogos entre filosofia, ciência e meio ambiente. Por este diálogo, podemos constatar como a perda do nosso vínculo com o mundo natural atravessa as mais distintas áreas de nossas vidas, nos atravessando em múltiplos aspectos – tais como nossos modos de relação com os outros, com a sociedade, com o trabalho e a vida, como um todo; surgindo predominantemente como uma crise espiritual que tem sua origem em uma

religiosidade pensada a partir de uma perspectiva cristã, socialmente difundida e amplamente propagada.

Por fim, o autor visa promover reflexões a respeito de como reger nossas relações e interações uma nova perspectiva, ressignificando a nossa concepção do mundo e do meio ambiente; o que requereria uma reformulação dos pressupostos metafísicos que regem nossa relação com o mundo, ainda que irrefletidamente. Deste modo – pela relação indissociável entre os pressupostos filosóficos que fundamentam a religiosidade, as fundações religiosas que regem nossas práticas, e as práticas que se realizam em nossa relação com o mundo –, é evidenciada a necessidade de instaurar um novo conjunto de significações que atravessa a nossa existência, em vista de fundar novos modos de se relacionar com a natureza e com o mundo, em suas múltiplas acepções, e com os entes, humanos e não humanos, que nele se encontram.

Dito isso, desejamos a todos uma ótima leitura!